



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

OTACIANY ESTENDIO GONÇALVES

**A VOZ FEMININA NA LUTA PELA RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA OBRA
CARTA À RAINHA LOUCA DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

**MONTEIRO
2022**

OTACIANY ESTENDIO GONÇALVES

**A VOZ FEMININA NA LUTA PELA RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA OBRA
CARTA À RAINHA LOUCA DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – *Campus VI*, como requisito necessário a obtenção do grau de graduada em Letras – Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias

**MONTEIRO
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635v Gonçalves, Otaciany Estendio.
A voz feminina na luta pela resistência [manuscrito] : uma análise da obra carta à rainha louca de Maria Valéria Rezende / Otaciany Estendio Gonçalves. - 2022.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias , Coordenação do Curso de Letras - CCHÉ."

1. Resistência - mulher. 2. Empoderamento feminino. 3. Literatura. 4. Sociedade. I. Título

21. ed. CDD 362.83

OTACIANY ESTENDIO GONÇALVES

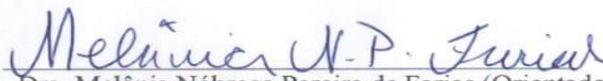
**A VOZ FEMININA NA LUTA PELA RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA OBRA
UMA CARTA À RAINHA LOUCA DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – *Campus VI*, como requisito necessário a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras – Português.

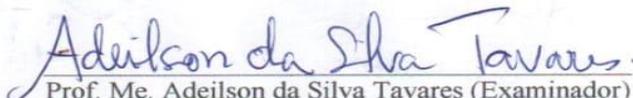
Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 29/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba – CCHE (UEPB)



Prof. Me. Adilson da Silva Tavares (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba - CCHE (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba - CCHE (UEPB)

Aos meus pais, por serem meu combustível e
nunca me deixarem desistir, DEDICO

“Escuta: eu te deixo ser, deixa-me ser então.”
(Clarice Lispector)

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O GRITO DA VOZ FEMININA NA LITERATURA.....	10
2.1 A LITERATURA AO ALCANCE DA CRÍTICA FEMININA	12
2.2 MARIA VALÉRIA REZENDE: A LITERATURA PRESENTE EM SUA VIDA.....	13
2.3 A CRÍTICA FEMININA PRESENTE NA ESCRITA DE REZENDE	14
3. A RESISTÊNCIA DA VOZ FEMININA REPRESENTADA NA OBRA <i>CARTA À RAINHA LOUCA</i>	15
3.1 OS PRECONCEITOS VIVENCIADOS PELAS MULHERES PERANTE UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E MACHISTA.....	18
4. A OBRA <i>CARTA À RAINHA LOUCA</i> COMO UMA PORTA DE RECONHECIMENTO PARA A RESISTÊNCIA FEMININA NA SOCIEDADE	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

A VOZ FEMININA NA LUTA PELA RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA OBRA CARTA À RAINHA LOUCA DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Otacyany Estendio Gonçalves¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar o empoderamento da voz feminina e sua resistência na busca de direitos igualitários em meio a um contexto coletivo que é construído dentro das perspectivas de uma sociedade patriarcal. Tal abordagem terá como embasamento principal a análise bibliográfica e a análise interdisciplinar da obra literária *Carta à rainha louca* (2019), que tem como autoria a escritora Maria Valéria Rezende, que relata em sua narrativa uma realidade um tanto quanto opressora, retratada em 1789 no Brasil colônia e experienciada por mulheres que não tinham poder de voz e viviam para dedicar-se e obedecer, mesmo que a contragosto, às figuras masculinas que ocupavam posição de superioridade em relação a elas, deixando-as sem direito de realizar livremente a sua liberdade de expressão. Esta explanação se dará através da personagem Isabel, que será, neste contexto, a representação da perseverança da figura feminina em ter sua voz ouvida e seus direitos reconhecidos tal qual aos homens é permitido.

Palavras-chave: Mulher. Resistência. Empoderamento feminino. Literatura. Sociedade.

ABSTRACT

This paper aims to address the empowerment of the female voice and its resistance in the search for equal rights in the midst of a collective context that is built within the perspectives of a patriarchal society. This approach will be based on the bibliographical analysis and the interdisciplinary analysis of the literary work *Carta à rainha louca* (2019), written by the author Maria Valéria Rezende who narrates a somewhat oppressive reality, portrayed in 1789 in colonial Brazil and experienced by women who had no power of voice and lived to dedicate themselves and obey, even if begrudgingly, the male figures who occupied a position of superiority in relation to them, leaving them without the right to freely realize their freedom of expression. This explanation will be given through the character Isabel, who will be, in this context, the representation of the perseverance of the female figure in having her voice heard and her rights recognized just as men are allowed.

Keywords: Women. Resistance. Female empowerment. Literature. Society.

¹Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: otacianysume10@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, são perceptíveis as mudanças que vêm ocorrendo em relação à conquista do espaço da mulher em sociedade. Hoje graças ao feminismo e às lutas por direitos iguais, foi conquistado a presença da participação feminina no meio social e nas mais diversas áreas de atuação. Todavia, não se pode afirmar que o patriarcado que imperava no passado não existe mais, ainda vivemos em uma sociedade machista que enxerga o homem com privilégios simplesmente por pertencer ao gênero masculino. A figura feminina sempre esteve atrelada aos afazeres domésticos, à criação dos filhos e ao cuidado com o marido, não podendo exercer uma profissão fora do contexto familiar e sem possuir voz diante da sociedade, mas é claro que com tantas conquistas, hoje a mulher ocupa um lugar de prestígio em comparação há décadas passadas.

Dessa forma, diante da opressão vivenciada por mulheres ao longo da história, não faltam relatos, textos e obras que descrevem o tratamento dado às mulheres, fazendo assim uma crítica à condição como a figura feminina era vista no meio social, sendo alvo do poder atribuído ao homem e a inviabilidade que possuía em sociedade. Dentro desta perspectiva, uma obra a ser destacada é *Carta à rainha louca*, escrita por Maria Valéria Rezende, em 2019, apresentando uma história de opressão no ano de 1789, no qual uma mulher presa em um convento escreve à rainha Maria I denunciando a violência e abusos sofridos pelas mulheres, pelos escravos e por todos aqueles que se encontravam em situação de vulnerabilidade. O livro apresenta uma crítica ao que acontecia na época da colonização brasileira, destacando o sofrimento enfrentado pelas mulheres que ousavam desafiar os homens que estavam no poder, apresentando, assim, a coragem e a resistência das mulheres em meio à opressão vivenciada no Brasil colônia.

A partir disso, esse trabalho visa dar visibilidade à resistência feminina na literatura ao longo dos anos, destacando as lutas vivenciadas pela mulher na sociedade, buscando refletir sobre a necessidade do posicionamento feminino para a conquista de direitos e contra o machismo, advindo de um sistema opressor no qual o poder é masculino. Dessa forma, a pergunta que guiará esse trabalho é: De que maneira a obra *Carta à rainha louca* contribui para o reconhecimento da resistência feminina diante da opressão? Diante desse questionamento, foi possível chegar a algumas hipóteses. Primeiramente é notório que o posicionamento feminino engrandece a luta das mulheres por direitos iguais, dando visibilidade as suas causas e reconhecendo a necessidade do reconhecimento em sociedade. Dessa maneira, o posicionamento feminino apresenta um impacto positivo, gerando assim

coragem e união das mulheres para que possam conquistar o espaço merecido. Sendo assim, é perceptível que a obra *Carta à rainha louca* (2019) traz uma reflexão sobre como as mulheres eram e ainda são tratadas em sociedade, destacando a importância da luta feminina e da necessidade de se posicionar diante da opressão.

O interesse nessa temática surgiu nas aulas de Literatura ao longo do curso, tendo em vista que proporcionaram um contato com o empoderamento feminino e a luta ao longo dos anos para que as mulheres tivessem direitos iguais aos homens. Dessa forma, diante da necessidade de se falar sobre o posicionamento feminino, esse trabalho procura dar visibilidade as lutas e as conquistas da mulher escritora diante de uma sociedade patriarcal, tendo, então, os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

- Analisar a luta feminina como voz de resistência em uma sociedade patriarcal na obra *Carta à rainha louca* (2019), da autora Maria Valéria Rezende.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir o empoderamento feminino na luta por liberdade em meio a um sistema opressor;
- Destacar a resistência feminina para ter voz e direitos diante de um cenário de dominação masculina;
- Refletir sobre o papel da mulher em uma sociedade machista e preconceituosa, trazendo uma ligação entre a visão literária da produção em questão, indo de encontro ao campo social do contexto vivido na obra analisada.

Levando em consideração tais objetivos e as reflexões realizadas até aqui acerca do papel feminino na luta por resistência em uma sociedade patriarcal, foi realizada uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, atendendo às disposições de caráter bibliográfico.

Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de populações ou fenômenos. Como características principais desse tipo de pesquisa, podemos citar a coleta de dados que é realizada a partir de um questionário e também a observação sistemática. Já a pesquisa bibliográfica segundo Gil (2010, p. 50) “é

desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Pinheiro (2003, p. 16) nos diz que é importante pensarmos no que “pode e deve ser tomado dos métodos de pesquisa científica, o que nos é específico e, sobretudo, qual seria uma postura que pode levar à elaboração de um trabalho acadêmico de valor em literatura”, tendo como ponto de partida esta linha de pensamento, será colocada aqui também, a junção da sociologia de maneira interdisciplinar atrelada ao campo literário.

Com base na perspectiva do autor acima mencionado, considera-se que as Ciências Sociais e a Literatura, ao serem utilizadas para a abordagem e análise da obra literária tal qual uma obra de arte, conseguem perfeitamente caminhar de mãos dadas, tendo em vista que não é difícil perceber os vários personagens que exprimem situações que são experienciadas no campo social e posteriormente passam a fazer parte de obras que conseguem passar para o leitor este olhar voltado para a realidade, ecoando as suas várias vivências e circunstâncias sociais no âmbito literário, pois de acordo com Candido (2008, p. 31), “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo”.

É importante ressaltar que, sendo esta pesquisa de caráter bibliográfico, orientado pela Leitura Interdisciplinar da Obra Literária, e, ainda, qualitativa, fez-se necessário analisar os dados coletados através de uma abordagem suficiente e esta aconteceu através da análise de conteúdo. Bardin (1977, p. 31) afirma que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto as comunicações”.

A autora acima referida, cita ainda que as análises caminham através de procedimentos que são colocados e aplicados de maneira sistemática para que dessa forma seja encontrado o seu objeto de descrição, sendo assim, esta pesquisa caminhou, como técnica de análise de conteúdo, em conjunto com a perspectiva interdisciplinar dentro do campo sociológico,

Dessa forma, para que seja realizada uma apreciação em torno da relação das ciências sociais e a literatura, aprofundando os estudos acerca da opressão vivida pelas mulheres, tendo como base a obra *Carta a rainha louca* (2019) foi feita a exploração de textos e livros que apresentam essa relação da leitura interdisciplinar e dos conceitos que se aplicam à temática abordada nessa pesquisa. No que diz respeito à pesquisa qualitativa Denzin e Lincoln (2006, p 17) afirmam:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem.

Os dados coletados através das pesquisas qualitativas e bibliográficas serviram de apoio para a realização deste trabalho, trazendo novos conhecimentos acerca do assunto tratado.

2 O GRITO DA VOZ FEMININA NA LITERATURA

Por muito tempo pensava-se e via-se a literatura a partir de um ponto de vista unicamente masculino, situação essa em que por muitos anos favorecia apenas aos homens o direito de escrever e publicar suas obras, o que, por sua vez, acabava refletindo uma imagem da sociedade que, por si só, já explicitava a maneira como as regras eram, ou ainda são, ditadas perante a perspectiva de gênero. Vivia-se diante de uma criação de modelos sociais, quase que invisíveis e imperceptíveis para os homens, porém muito marcantes e ditatoriais para as mulheres que eram privadas de estudar, não podendo as mesmas aprender a ler nem escrever, moldando-se dessa forma para viverem privadas de tudo o que fugisse à regra de ser uma dama do lar. Até o dado momento em que se iniciou a busca por uma conquista de um espaço que lhes era negado. Dentro dessa perspectiva, Sant'Ana (2020, p. 20) observa que:

Conscientes da condição desvantajosa a que, durante séculos, viveram submetidas, praticamente confinadas no espaço privado do lar, muitas mulheres do início do século XIX decidiram se organizar na luta pelo direito básico de aprender a ler e a escrever, apostando na educação como uma via de acesso e de admissão no espaço público.

Muitos foram os percalços que as mulheres enfrentaram para alcançar determinada autoria de sua própria vida, se auto inserido como escritoras em um contexto que não foi pensado para seu protagonismo. Encadeando uma espécie de passo a passo, derrubando uma série de muros que foram levantados para inviabilizar o sucesso dessa luta, as mulheres começaram a fazer uso dos poucos espaços que lhes eram permitidos para transformar esses momentos reunidas em palcos de demonstração da sua arte em escrever. Duarte e Paiva (2009, p. 13), ressaltam que dentro desse contexto:

Conquistado o direito de se educar e de educar a outras, as mulheres precisavam ainda ultrapassar fronteiras que as limitavam a um universo mais restrito, aos alargamentos dos papéis de mãe dedicada e de boa esposa. A literatura foi uma forma encontrada por elas para ampliar sua participação na vida pública, primeiro

por meio de um espaço semipúblico, os salões de poesia, saraus realizados nas residências de intelectuais e figuras da elite brasileira. Depois, pela participação em eventos do cenário cultural e literário e por sua crescente publicação em jornais e revistas especializadas.

A partir disso, nota-se que a literatura começa então ganhar um caminho que viabiliza espaço para o público feminino, deixando um pouco de lado a identidade de algo exclusivo e de cunho de domínio dedicado ao sexo masculino, como se a esse grupo ficasse destinado a liberação social necessária para escrever sobre os seus princípios e linhas de pensamento, na defesa de seus ideais, fixando erroneamente na identidade literária visões que por muitas vezes acabam por invalidar todas as lutas que as mulheres tentavam firmar em sua história. Perrot (2007, p. 11) pontua que:

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita.

Dentro dessa perspectiva, inicia-se uma caminhada árdua em busca da validação da literatura feminina perante a sociedade, na tentativa de adormecer os padrões que foram impostos para serem cumpridos sem quaisquer tipos de questionamento, de como uma mulher deveria se portar, o que vestir, como, quando ou a quem era permitido falar sobre suas vontades e posicionamentos. Saber ler e escrever permitiu as mulheres um poder de voz que antes não era concebido. Sant'Ana (2020, p. 21) ressalta que:

A escrita de mulheres contribuiu para uma mudança de paradigma colaborando para o necessário deslocamento do lugar e da função social designados a elas, o que contribuiu também para o processo de desconstrução de uma falsa imagem construída em torno de um modelo essencializante de identidade feminina.

No entanto, a inserção da literatura de autoria feminina era constantemente inferiorizada, por conta disso, durante muito tempo as escritoras, ao produzirem suas obras e se sentirem instigadas a publicá-las, não as podiam fazer, pois existia uma complexa resistência em ler-se qualquer produção literária que fosse advinda do sexo feminino. Dessa forma, para que suas palavras e seus pensamentos fossem dignos de receber respeito social, seus respectivos maridos assumiam a autoria de seus textos. Sendo assim, Sant'ana (2020, p. 25) vem colocar que o discurso dos grupos sociais, sendo eles dividido entre feminino e masculino, são resultantes de um jogo de disputa que tem como alvo a consagração de ter como garantia o direito de levar a sua voz através da sua escrita, como uma representação de poder, trazendo suas convicções e denúncias através da criticidade literária.

2.1 A LITERATURA AO ALCANCE DA CRÍTICA FEMININA

Conquistado o espaço do público feminino no âmbito literário, as mulheres começaram então a utilizar das suas escritas para dar foco as suas insatisfações pessoais diante das diversas arbitrariedades que eram vividas no seu dia a dia. Como forma de reivindicar todos os seus direitos que antes eram abafados diante da regra social pré-estabelecida, de maneira incisivamente imposta, a respeito de serem discretas, não falar sobre suas concepções e aceitarem o destino de serem criadas e educadas para serem unicamente, mães, esposas e senhoras de suas casas, tendo ainda que desempenhar tais tarefas com excelência.

Duarte (2009, p. 19) vem nos dizer que no decurso da busca pelo espaço da escrita literária produzida por mulheres, por volta do século XVIII, muitas mulheres bravamente lutaram contra uma sociedade que a elas não permitiam espaço de fala. Resistiram de tal maneira que “romperam o silêncio e fizeram da escrita uma forma de ultrapassar os limites impostos a elas, adentraram o universo das letras via jornais, revistas e a publicação de livros”.

Neste sentido da busca pela conquista do direito de fala, Brandão (2006, p. 16) vem nos dizer que por muito tempo via-se “a mulher como representação, sintoma masculino, nos textos literários”, onde muitas vezes a montagem da figura feminina dava-se através do olhar masculino, sendo configurada de forma que:

Enquanto delegada de voz alheia, enquanto produto da literatura das sociedades patriarcais, a personagem feminina é uma construção, uma fantasia, que só pode ser um efeito de escritura e só pode esclarecer alguma coisa a respeito daquele que enuncia. Presa de um sistema de representações viris, a mulher se lê anunciada num discurso que se faz passar pelo discurso de seu desejo. (BRANDÃO, 2006, p. 155)

Esta imagem, portanto, deixou de ser aceita e o poder da voz feminina passou a ser cada vez mais buscado, não se contentando em serem vistas como um símbolo de desejo do sexo oposto, e sim como pessoas integrantes de uma sociedade capazes de externalizar todas as suas vontades e capacidades intelectuais e profissionais. Não se trata, contudo, de uma única voz, são diversas vozes de várias mulheres que buscam por reconhecimento.

A literatura passa então a representar uma ferramenta de poder para tantas mulheres que antes não tinham espaço em um ambiente completamente patriarcal, ganha-se agora um lugar na sociedade que antes não era permitido a este grupo, inicia-se mais um caminho a ser trilhado. Fora das paredes de suas casas, as senhoras começam então aventurar-se na escrita

de jornais, alcançando um público que antes era inteirado somente pelas palavras dos homens.

Acerca disso, Duarte (2009, p.14) reitera que:

Se os saraus de poesia aos moldes dos salões funcionavam como espaço de socialização intelectual e criação de redes, os jornais serviam à circulação e divulgação de textos literários também para as escritoras, uma forma de alcançar certa visibilidade intelectual, de discutir, de participar da “conversa”. Nesse sentido, vale ressaltar a importância desse veículo como instrumento de inserção da mulher no campo das letras – quer pela criação dos jornais e das revistas femininos quer pela publicação na imprensa já estabelecida e dirigida pelos homens –, porta de acesso bastante estreita para as mulheres que almejavam serem reconhecidas como “mulheres de letras”.

Percebe-se, assim, que, a partir desta conquista, nasce uma nova identidade para a mulher, aquela que antes vivia cercada em seu próprio silêncio agora ganha voz, apresenta-se diante da sociedade escritoras capazes de escrever, opinar, e posicionar-se diante de quaisquer situações que lhes fossem impostas, tal qual fazem os homens.

A crítica literária feminina assume um lugar indispensável na vida das mulheres, mesmo sofrendo ainda preconceitos por serem consideradas incapazes de desempenhar tal papel, como coloca Duarte (2009, p. 15):

não faltaram críticas a essas escritoras na imprensa, pois eram interpretadas como seguidoras das “fealdades morais”, cultuadoras de uma poesia feminina “imoral” na qual só se encontravam “carícias impuras, desesperos, desânimos e pessimismos”, uma “arte de decadência”.

Porém, depois de conseguir dar esse passo que tanto foi almejado, mesmo diante de duras críticas, nunca mais se desistiu de pontuar com veemência o seu direito de opinar dentro de um modelo social que antes carregava uma essência dominante masculina.

2.2 MARIA VALÉRIA REZENDE: A LITERATURA PRESENTE EM SUA VIDA

É possível acompanhar, entre as várias histórias que contam como se deu o caminho percorrido pelas mulheres para conseguirem se colocar como escritoras perante a sociedade, que este não foi um espaço fácil de ser conquistado. Sant’Ana (2020, p. 36) vem nos dizer que tais dificuldades aconteciam, pois, ao tentarem colocar em prática suas atividades como autoras, as mulheres tinham que, sobretudo, lidar com as suas obrigações domésticas naturalmente impostas como damas do lar, cuidando de tudo aquilo que a sociedade coloca como responsabilidade da mulher. Algumas aceitavam de bom grado o destino que lhes era imposto, enquanto outras relutavam em não conformar-se com tal situação e buscavam enveredar por outros caminhos.

Um exemplo que será aqui citado é Maria Valéria Rezende, uma escritora que enveredou no caminho das letras, tornando-se uma das autoras de grande reconhecimento na atualidade, trazendo nas suas obras críticas firmes acerca de uma sociedade que, por muitas vezes, ainda carrega a identidade do patriarcalismo. Maria Valéria nasceu no ano de 1942, é natural da cidade de Santos – SP, mas mudou-se para o estado da Paraíba ainda muito nova, onde posteriormente conseguiu o título de cidadã paraibana e desenvolveu seu trabalho de educadora. Dedicou a vida a estudar tendo assim mais de uma formação, sendo elas, Literatura Francesa, Língua, Pedagogia, tendo ainda mestrado em Sociologia.

Sant’Ana (2020, p. 37) pontua que Maria Valéria se tornou freira aos 24 anos como uma forma de fugir dos padrões que lhes eram impostos perante uma sociedade que das mulheres cobra com persistência seguir um destino que delas se esperam desde quando nascem, pertencendo a elas ou não essa vontade. Ainda de acordo com Sant’Ana, para Valéria, ir para um convento foi:

uma escolha pautada na ausência do desejo de viver uma vida dentro dos moldes que eram reservados às mulheres de seu tempo, ou seja, o estilo de vida tradicional que abarcava o casamento, a maternidade e a vida doméstica, um estilo de vida que, definitivamente, Maria Valéria Rezende não gostaria de ter. (SANT’ANA, 2020, p. 37)

Após sair do convento, Maria Valéria viajou por várias cidades, colocando em prática a sua formação acadêmica, dedicando-se à educação de jovens e adultos e à escrita das suas obras que mais tarde ganharam reconhecimento. Dentre os livros de Maria Valéria é possível citar *Vasto Mundo* que foi publicado no ano de 2001 seguido de *O voo da guará vermelha* (2005). Rezende lançou ainda os livros *No risco do caracol* (2008), *Ouro dentro da cabeça* (2012), obras pelas quais a autora recebeu o prêmio Jabuti, tendo ainda publicado o romance *Quarenta dias* (2014) e *Outros cantos* (2016). O mais recente trabalho da escritora é a obra *Carta à rainha louca* publicado no ano de 2019, o qual será analisado neste trabalho.

2.3 A CRÍTICA FEMININA PRESENTE NA ESCRITA DE REZENDE

Das numerosas características como autora que o mundo da literatura atribui a Maria Valéria Rezende, uma das mais marcantes é seu posicionamento forte e as diversas críticas que ela tece em suas narrativas. Tomando como exemplo seu livro *Carta à rainha louca* (2019), é possível observar as várias menções que são feitas sobre as violências sociais que o gênero feminino sofria à época. Rezende remonta em sua escrita os moldes que eram impostos sobre as mulheres, e escreve acerca do assunto quase como que por fazer uma denúncia, expressando através da personagem principal Isabel que relata à rainha as afrontas

que sofre por ser mulher, pobre e se encontrar em situação de vulnerabilidade perante a sociedade. Pode-se observar tal característica de sua escrita no trecho a seguir:

Ao fim de alguns meses nesta cela encerrada – donde só me deixavam sair para as orações na capela e para servir na cozinha –, numa noite na qual brilhava a lua e não me vinha o sono, como sempre me acontece, e fico então a mirar a estreita faixa de oceano que me permite a exígua janela – com saudades de uma vastidão que não conheço mas minha alma deseja tanto! –, vi claramente passarem velas brancas bem próximas deste outeiro, os navegantes poderiam ouvir-me se eu chamasse, pensei. Esperancei-me, gritei com todas as forças, sem que, porém, me ouvissem os marinheiros, e por muitos dias desatinei e bradei com dor e fúria. Ouviram-me, sim, as outras que vivem entre as paredes deste ergástulo, de modo que me disseram lunática e, por castigos de meus gritos e convulsões, me trancaram na cela, tomando-me por histérica ou mesmo possessa de um demônio, razão pela qual me mandavam algumas vezes aspergir com água benta e rezos em latim por anos, que mais os alongavam cada vez que a conjunção dos astros e as dores da alma e do corpo desencadeavam meu desespero e meus gritos. (REZENDE, 2019, p. 10-11)

Com base na obra acima citada e nas discussões que até aqui foram levantadas, é possível então perceber que Maria Valéria exprime, com suas colocações firmes e pontuais, um misto de realidade e ficção em sua escrita, causando um conjunto de representações que abraçam a causa da luta feminina pela resistência em não deixar-se levar pelos costumes que sob elas imperam. Levantando argumentos e abraçando a resistência de mostrar-se forte e capaz de assumir um papel de representação e importância social tanto quanto aos homens é permitido.

3 A RESISTÊNCIA DA VOZ FEMININA REPRESENTADA NA OBRA *CARTA À RAINHA LOUCA*

Vive-se em um mundo social que não foi pensado para as mulheres. Um mundo cercado de opiniões masculinas, em sua maioria de cunho machistas, que não abrem espaço e nem permitem ouvir a voz das mulheres que vivem em uma constante luta por espaço, reconhecimento de igualdade e sobretudo por respeito em todas as suas instâncias. Há muito tempo fixou-se o conceito de que as mulheres são socialmente inferiores aos homens, dessa forma, tendo que obedecer e aceitar o que lhes eram colocados como certo ou errado para se fazer em suas próprias vidas.

Acompanha-se diariamente o quanto o público alvo feminino encontra obstáculos diante de uma sociedade que teima em oferecer desrespeito e fazer com que as mulheres sejam forçadas a ficar à margem de um palco social que deveria ser sinônimo de segurança, causando assim diversas situações de extremo desconforto, pois tornou-se “normal” acentuar sobre o sexo feminino a incumbência de que “sofrer e chorar é o quinhão de todas as filhas de Eva” (REZENDE 2019, p. 10). Essa luta diária foi travada a muitas décadas atrás, e até os

dias atuais, encontra-se ainda muitos vestígios e obstáculos que refletem a desigualdade social pela qual as mulheres são acometidas e, por conseguinte, taxadas de loucas, simplesmente por buscarem viver da maneira que lhes são confortáveis e lhes inspiram respeito.

Atualmente, muito se fala sobre o termo empoderamento feminino e as suas contribuições para as lutas sociais, acerca do contexto aqui analisado, proporcionando o poder de se auto conhecer como um indivíduo atuante na sociedade e permitir-se assumir o protagonismo da sua própria história, alcançando assim a equidade dos gêneros feminino e masculino. Dentro dessa linearidade de pensamento, Matia (2017) vem nos dizer que:

O empoderamento, principalmente no que se refere à realidade brasileira, é importante para dar liberdade a mulheres que além de sentirem a ameaça machista também são afetadas pela desigualdade econômica e racial dentro de uma sociedade que marginaliza aquilo que entende como “minorias”. Devemos empoderar as mulheres para que elas tenham a oportunidade de fazer sua própria revolução, para que possam enxergar-se em grau de equidade para com os homens. (MATIA, 2017, p. 20)

A história das mulheres perpassou diversas evoluções desde que se começou a travar um enfrentamento por reconhecimento diante do lugar social que elas ocupam, tendo em vista que “a diferença dos sexos que marca os corpos ocupa uma posição central nessa história” (PERROT, 2007, p.39). Dessa forma, não é difícil reconhecer que as mulheres tiveram e tem que lutar até mesmo para ter direito a uma história que conte sua importância, suas eficiências profissionais e a capacidade de desenvolver de maneira competente e construtiva qualquer atividade que desejar tal qual um homem faria.

Na obra *Carta à rainha louca* escrita pela autora Maria Valéria Rezende (2019) é possível visualizar os enfrentamentos que as mulheres experienciam em suas histórias de vida diante de ordens que são postas de maneira que automaticamente as colocam como seres que devem obediência unicamente por não terem nascido do sexo masculino e quando as mesmas fogem da regra que lhes são exigidas, sofrem penalizações e julgamentos que lhes acompanham até os dias atuais.

Pode-se então analisar essa diferença de valor destinada a homens e mulheres desde a sua geração: “Começamos pelo começo, o nascimento: a menina é menos desejada. Anunciar: “É um menino” é mais glorioso do que dizer: “É uma menina”, em razão do valor diferente atribuído aos sexos” (PERROT, 2007, p. 40). Para o pai, dizer aos seus que o filho que está por vir é um homem é motivo de dever cumprido e orgulho para a família, ao passo que ter uma filha é significado de ter falhado em seu papel de progenitor. Essas definições causam intervenções na vida de ambas as partes até a sua vida adulta.

Rezende (2019) retrata, em sua obra aqui citada, as opressões que as mulheres sofriam por volta de 1789, por não terem valor social e não terem outra serventia senão a de moldar-se de acordo com as vontades dos seus maridos, lhes oferecendo obediência. E quando quaisquer atitudes lhes fugiam do cumprimento de tais regras elas eram descartadas como forma de castigo por não responderem com as atitudes que eram esperadas pela sociedade, como visto no seguinte trecho:

Por louca e desobediente encarceraram-me neste Recolhimento da Conceição, no alto das colinas desta cidade de Olinda, famosa por sua beleza e pelo fausto ostentado em outras eras, quando branco e doce era o ouro destas terras. Bela cidade que a mim, porém, não delicia, pois quase só a vejo retalhada pelas grades da única e estreita janela desta cela de não mais que uma braça quadrada. (REZENDE, 2019, p. 9).

A autora reproduz em sua personagem principal Isabel algumas das várias violências vivenciadas contra o sexo feminino e que eram recorrentes na época citada, tendo em vista que as mulheres não podiam expressar suas opiniões sem que fossem penalizadas por tal atitude. A personagem em questão relata em uma carta endereçada à rainha, a quem ela espera que, por ser mulher, faça algo que a ajude, tirando-a daquela situação de indefensabilidade. As agressões por ela citadas em sua denúncia não eram causadas somente pela privação da liberdade, mas também pelos castigos físicos e abusos que os homens cometiam sem sofrer quaisquer penalizações por isso. Podemos observar tais fatos no fragmento a seguir:

em todas as condições, aqui nestas colônias, em África, nas Índias, na China ou no Reino, no paço real ou na mais pobre aldeia do Vosso Império, estão submetidas às leis dos homens que muito mais duras são para as fêmeas e só para elas se cumprem, pois todos os seus pais e irmãos e maridos e filhos e varões quaisquer, clérigos ou seculares, só as querem para delas servirem-se e para dominá-las como aos animais brutos se faz, blasfemando vergonhosamente ao emprestar-lhe a Deus Nosso Senhor tão cruel desígnio. (REZENDE, 2019, p. 10)

Diante desse pensamento, é possível perceber que culturalmente as mulheres carregam o fardo de terem que se manter em silêncio diante de tudo, pois falar e expressar sua opinião pessoal não faz parte da sua alçada. Viver voltada a prestar obediência ao seu esposo ou a qualquer outra figura masculina que esteja a sua frente faz parte de seu destino, situação essa que até hoje as mulheres tentam modificar.

É sabido também que, por muito tempo, o direito de estudar era negado às mulheres, posto que não era visto como uma necessidade válida para as mesmas. Saber ler e escrever era algo considerado muito complexo para que elas pudessem desempenhar, sendo assim, essa tarefa era atribuída somente aos rapazes, que eram direcionados a estudarem e se tornarem homens cultos. Rezende (2019, p. 16) expressa bem tal situação em sua obra aqui analisada quando sua personagem diz que:

Li-os todos, muitas dezenas deles, em língua portuguesa, castellana ou latina, que de todas elas eu tinha conhecimento recebido do padre-mestre do Engenho Paraíso, onde me criei. Disso talvez se tenha feito a minha loucura, pois, segundo me dizem, nenhum espírito de mulher, salvo decerto as de linhagem real como Vós, é capaz de suportar o peso do saber.

Neste trecho, observa-se que a personagem claramente traz consigo a representação da resistência feminina perante a sociedade, que mesmo diante de tantas dificuldades e de tantas situações que lhes podavam a liberdade de expressar-se, buscava incansavelmente por ser ouvida, quebrando as regras de não poder aprender a ler ou escrever e mostrando que o sexo feminino é capaz de desenvolver as atividades que quiserem tanto quanto o sexo masculino o faz.

3.1 OS PRECONCEITOS VIVENCIADOS PELAS MULHERES PERANTE UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E MACHISTA

Levando em consideração os avanços que foram alcançados pelo público feminino diante de todas as regras que eram, e em muitas realidades infelizmente ainda são, impostas como um roteiro a ser seguido por este mesmo grupo, é possível pontuar que muitos tabus já foram quebrados desde que a mulher começou a buscar ocupar um palco de atuação democraticamente igualitário. A evolução deste protótipo de mulher obediente, como dama do lar e esposa impecável transitou para uma nova versão. Segundo Azambuja (2006, p. 91) “A mulher contemporânea é fruto de um processo histórico que engendrou nas esferas social, cultural e econômica uma mudança significativa de seu papel [...]”. Sendo assim, pode-se entender que:

O papel da mulher na sociedade brasileira alterou-se significativamente no decorrer do século passado. Influenciada pelos movimentos feministas europeus e pelo novo ambiente econômico, mais industrializado, onde as demandas levaram-na a sair de casa e assumir novos papéis, a mulher conquistou novos espaços sociais. Contudo, esse novo papel engendrou significativas reações das esferas mais conservadoras da sociedade de então, estimulando a idéia de que a estrutura familiar iria ser abalada caso a mulher negasse em desempenhar exclusivamente seu papel de esposa e mãe. (AZAMBUJA, 2006, p. 84)

Por muito tempo as mulheres foram vistas socialmente como meros objetos para servirem aos seus homens, seja como filha e irmã obediente, que está sendo educada e treinada para ser uma mulher com todos os atributos que dela se espera, seja como esposa que deve realizar todas as vontades de seu marido, pertencendo a elas ou não essa vontade. E assim, cria-se um modelo de condutas que devem ser seguidos pelas próprias para que assim sejam dignas de respeito.

Tais seguimentos começam a se destacar através de sua aparência, posto o “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. “Seja bela e cale-se”, é o que se lhe impõe” (PERROT, 2007, p. 48).

Dessa forma, é possível observar que perante a sociedade machista, as mulheres se resumem a viver fases que são dedicadas a proporcionar conquistas realizadas na vida dos homens, ficando limitadas a serem mostradas como um objeto representante da beleza. Dentro desse contexto patriarcal, primeiro ela é um troféu de orgulho para seu marido, que a exhibe para seus amigos como um trunfo que foi alcançado, depois ela passa a ter a responsabilidade de gerar para seu companheiro um primogênito, para que este seja símbolo de sua masculinidade, e em seguida, a mulher passa a viver sua vida reclusa em suas residências, voltada para as suas obrigações de senhora e dona de casa, enquanto seu esposo volta a viver sua vida livremente, atendendo aos seus próprios desejos.

Caracteriza-se solidamente, portanto, a anulação feminina no meio social, pois diante das opiniões ditatoriais enraizadas, este não é palco para que elas subam e assumam voz. De acordo com Perrot (2007, p. 16-17) reforça-se essa posição de invalidação através da legitimização de que:

as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. [...] a desordem. Sua fala em público é indecente.

Elucidar suas vontades não lhes são permitidas, ter autonomia é algo tido ainda hoje como algo fora do comum, ocupar espaço de protagonismo em sua própria história não é possível. Para as mulheres foi destinado o papel de viver a observar as coisas recolhidas no lugar de plateia, assumindo função de ferramenta que facilita e proporciona conforto para o público masculino, pois para a sociedade machista, a mulher é feita para ser uma figura que vive anulada perante sua própria existência.

Seguindo essa linearidade de lutas por reconhecimento, observa-se que outro ponto que é encarado como um verdadeiro tabu para o sexo feminino é a sexualidade e o direito de deixá-la ser a florada, por este ser um privilégio acentuado ao público masculino. A exclusividade do ato sexual realizado por prazer foi por muito tempo apontado como uma espécie de regalia atribuída somente aos homens, enquanto as mulheres incumbiam a obrigação de servir aos seus companheiros todo o prazer que delas eles conseguissem extrair, enquanto nesta perspectiva, o sexo feminino encarrega-se apenas de satisfazer seus companheiros e procriar.

Até os dias atuais, nota-se resquícios desse tipo de imaginário: uma mulher é considerada digna de respeito socialmente desde que não se permita envolver de maneira amorosa com um homem sem que antes se estabeleça um compromisso, mantendo assim a imagem de boa moça. E quando o contrário acontece, automaticamente ela perde seu “valor”, e passa a ser socialmente punida, deixando de ser considerada elegível para casar e ocupar o posto de mulher de família. Rezende (2019, p. 18) expressa tais situações quando diz:

Eu pobre sempre fui, mas minha senhora Blandina por ele empobreceu inteiramente porque o pai dela, por ódio ao mal que sua filha deixou Diogo fazer-lhe, pagou um alto dote desnecessário para metê-la no Desterro, deu-lhe duas velhas escravas, sua mãe de leite Engrácia e a honrosa Bernarda, de pouco valor no mercado mas que nos queriam bem, e esqueceu-se dela. Nunca permitiu que ninguém de sua família a fosse ver na grade nem lhe enviasse alguns míseros réis, algum mimo ou virtualha. Se eu mesma não tivesse fugido do engenho para vir servi-la, não tivesse meu saber das letras para trabalhar por ela, teria de viver de papas de milho e das mandiocas e inhames cozidos que eram tudo o que vinha da cozinha do mosteiro.

Vê-se então que a culpa de se envolver de maneira afetuosa sem ter qualquer comprometimento refletia nas mulheres, e somente a elas, uma vida inteiramente modificada como resposta a sua atitude, que por muitas vezes acontecia justamente pela inocência que delas fazia parte e a falta de informação, que injustamente, lhes eram negadas. Ficando sem nenhum aparo ou proteção daqueles que socialmente poderiam ser sinônimo de segurança. Rezende (2019, p. 11) deixa evidente essa imagem do patriarcalismo quando disse:

Prossegurei nas folhas rasuradas não por desrespeitosa para com vossa majestade, mas por pobre e humilhada que vivo, mulher, destituída de bens, dada por douda e sem contar com varão que me assegure alguma proteção. Meu pai, Deus o levou há muitos anos, outros do meu mesmo sangue nunca conheci, jamais vieram a estas terras; Gregório, o velho negro que devotadamente me auxiliava e protegia, não como escravo mas sim livre e grato a meu pai que jamais pensou em escravizá-lo e como seu irmão o tinha, levaram-no agrilhado e certamente em suplícios o mataram; o bastardo Diogo Lourenço de Távora, que comoveu com o relato de suas desditas e um dia jurou amar-me apenas para colher a flor da minha inocência, quem sabe por onde andará, a colher e a desfolhar outras donzelas. Assim vivo destituída de tudo, senão de meus pensamentos e palavras ditas a mim mesma e a Deus, de minha honra, minha fé e duas cuias de papa de milho a cada dia, ordenadas ao Recolhimento pelo oficial do Reino que aqui me encerrou.

A obra *Carta à rainha louca* trata de tais questões de forma que coloca sua personagem principal e sua senhora que foi levada a um convento por se deixar envolver de maneira amorosa com um rapaz que a elas não guardou nenhum respeito, representando, à época, uma vergonha para suas famílias. Maria Valéria expressa na obra citada o quadro real de uma sociedade que exigia que a mulher desde sempre fosse sinônimo de persistência, explicitando a incoerência entre serem tidas como o sexo frágil e inferior, quando na verdade, tinham que exigir de si mesmas uma resistência naturalmente maior para conseguir lidar com as situações vividas perante uma sociedade machista.

4 A OBRA *CARTA À RAINHA LOUCA* COMO UMA PORTA DE RECONHECIMENTO PARA A RESISTÊNCIA FEMININA NA SOCIEDADE

As discussões até aqui mostram que, enquanto ser social, a mulher sempre teve que lutar mais para ter acesso a portas que aos homens são abertas livremente. A obra *Carta à rainha louca* (2019) da autora Maria Valéria Rezende, através de Isabel sua personagem principal e também narradora da história, retrata os mais diversos contratempos que o público feminino, independentemente de sua classe social, sofre ao longo de sua vida, vivenciando preconceitos e julgamentos que levam para longe toda e qualquer possibilidade de desfrutar experiências que lhes são desde o berço negadas, apesar do livro em questão ser uma ficção é possível capturar ao longo da sua narrativa vários contextos que facilmente se assemelham a realidade.

Maria Valéria Rezende pontua em sua escrita o contexto de desvalorização vivido pelas mulheres independentemente de sua classe social, pois o que a elas define como tendo relevância importante ou não é somente o seu sexo. Observa-se este ponto quando as personagens Isabel, Blandina, Maria I, intitulada como rainha louca, e as madres do convento recebem tratamento semelhante no que se refere a serem tidas como subalternas ao gênero masculino, tendo assim, sua sanidade contestada como é descrito no trecho a seguir:

Mas eu, por mim, digo que mais loucas e enganadas pelo Maligno são elas que se deixam prender, maltratar e tosar como ovelhas, caladas, que a tudo se submetem. Mas loucas ainda estão as que deviam ser as mais dignas, aquelas que têm autoridade neste Recolhimento, fazem se chamar Madres pelas demais e deveriam protegê-las, conhecer seu lugar e pelejar pela verdade, mas fingem júbilo quando aqui aparecem os lobos vorazes que se apresentam como seus benfeitores e, sem lutar, deixam esvair-se a vida como se muitas vidas tivessem. Loucas, tolas, sim, são as que jamais gritam. (REZENDE, 2019, p. 11)

O ponto inicial da história se dá quando Isabel faz, como uma espécie de denúncia, a escrita de uma carta endereçada à rainha Maria I, que é tida como louca, assim como a própria escritora da carta, que relata na mesma, os abusos que as mulheres sofrem por serem rotuladas como submissas aos homens, falando em particular sobre seu caso e de sua senhora Blandina, que se encontram presas no convento Recolhimento da Conceição.

Maria Valéria escreve explicitando a resistência do sexo feminino, perante a revolta das desigualdades sociais que as perseguem, não aceitando serem colocadas em um degrau abaixo do sexo oposto e não se calam mais diante de todos os percalços que lhes são impostos. Pode-se observar esta ação no seguinte trecho:

Como Vos prometi contar, Senhora, tudo aquilo que nos aconteceu, para que possais compreender a desgraça que nos atingiu, não pouparei palavras, mesmo aquelas de que me envergonho, porque de outro modo não podereis compreender quão grande

foi a injustiça que nos fizeram, não podereis compreender o quanto somos nós, as mulheres desta terra, usadas e abusadas por todos aqueles que aqui detêm o poder e nunca, por nenhuma razão, abrem mão dele, nem sequer por amor de nosso Senhor Jesus Cristo. (REZENDE, 2019, p. 66)

As colocações do contexto de uma sociedade patriarcal presentes na obra aqui analisada perpassam por todas as questões que remontam a maneira como o corpo social designou o que se pode ou não fazer de acordo com as suas figuras societárias. Rezende faz pontuações que atentam também para a mulher objetificada pelo homem, descritas, naquela época, através de moças que eram enganadas por rapazes na vã esperança de ter um casamento realizado por amor, como observa-se no trecho descrito adiante:

Desde aquele dia em que pensamos ter salvo Diogo Lourenço da morte, transformou-se nossa vida numa permanente agrura. Em nada mais podia pensar Blandina senão naquele que a havia fascinado, como dizem fazer as serpentes aos passarinhos, mas nem ela nem eu o víamos com clareza, como só tardiamente vi, os traços da serpente escondidos por uma aparência de anjo e lendas de herói. (REZENDE, 2019, p. 67)

E assim, inevitavelmente, desenrolavam-se as punições para as donzelas que se deixavam encantar por rapazes que a elas não ofereciam nenhuma segurança do ponto de vista da sociedade, antes do casamento, sendo expulsas de casa e fadadas a receber a incumbência de serem “impuras”. Para que isso não aconteça, passa-se então a formar-se um modelo de conduta que deve ser seguido para que o gênero feminino continue a ser considerado capaz de receber o mérito de conviver em sociedade sem que sejam apontadas como indistintas e uma representação de vergonha para a família, sendo ocasionadas pelo abandono daqueles que em tese deveriam ser sinônimo de acolhimento.

Após Blandina inocentemente ceder aos encantos de seu conquistador Diogo Lourenço de Távora e ficar grávida a personagem em questão e Isabel tiveram suas vidas inteiramente modificadas pelo senhor do engenho, o próprio pai de Blandina, que ao saber da situação de sua filha logo tomou a decisão de castigar a ela e a sua fiel amiga, como é possível constatar no seguinte fragmento:

Fomos as duas agarradas e levadas como condenadas para o pé da escadaria por onde descia o senhor trazendo na mão um látego com o qual nos açoitou sem piedade tão pronto tomou ciência do estado de sua filha cujo bucho crescido era impossível esconder. Eu pude suportar o castigo sem perder a consciência, mas Blandina esvaneceu-se ao primeiro golpe sem que por isso o pai cessasse de bater-lhe, como se quisesse fazer com que expulsasse de suas entranhas o filho espúrio. (REZENDE, 2019, p. 82)

Atualmente este cenário não se faz muito diferente, visto que as mulheres ainda passam por julgamentos que pesadamente pairam sobre elas caso venham a viver de maneira que a sociedade considera inadequada para uma pessoa do gênero feminino. Existem uma série de comportamentos que são permitidos apenas aos homens por direito e por

reconhecimento de sexo, o fato de a mulher se permitir realizar atitudes parecidas com as que o público masculino efetua já é motivo suficiente para serem desqualificadas socialmente.

É possível dizer ainda, dentro desse enfrentamento, que até a tentativa de “denunciar” as violações que pelo gênero feminino eram sofridas encontrava-se consideráveis dificuldades, mas que nem diante disso a vontade de livrar-se de tais abusos era vencida quando a narradora Isabel diz que:

É, pois, furtado todo papel em que Vos escrevo ou escreverei, pois que de outro modo uma pobre mulher, sem família, nem renda, nem destino, não poderia obter cousa tão preciosa como estas folhas que escondi na minha enxerga e não hei de desperdiçar ao preço de não mais poder-Vos escrever. [...] Há muitos anos comecei a furtar e juntar maços de papel que abundavam nos arquivos do Convento do Desterro, quando era ainda pouco mais que uma criança e ali servia a minha senhora (REZENDE, 2019, p. 15)

Diante de tantos acontecimentos na narrativa, ao final da obra, Isabel encontra-se ainda enclausurada no convento, para onde foi mandada por agir de maneira que desrespeitava as regras do reino, vivendo seus dias de penúria como é descrito na carta em que a personagem escreve a rainha:

Aqui me encontro, Senhora, ou seja lá quem me leia, à beira da minha minúscula janela – que já não tenho forças para ir em busca de lume contra a escuridão da noite e da minh'alma – a aproveitar os últimos raios de luz do dia para escrever ainda, pois escrever tornou-se meu único socorro nesta vida sem sentido que é a minha [...]. (REZENDE, 2019, p. 142)

E, assim, a personagem permaneceu, alimentando o desejo de livrar-se daquele sofrimento e conseguir então se libertar, por mais difícil que fosse, a ânsia por ter sua liberdade superava qualquer dificuldade que ela tivesse que enfrentar para conseguir esse feito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em todos os apontamentos que foram vistos até aqui, é possível chegar a conclusão de que a sociedade, como um todo, representada no livro analisado *Carta à rainha louca* reflete com efetividade a realidade vivida fora do campo da literatura, pois, apesar da obra ser retratada no século XVIII, ao relacioná-lo com a realidade atual, pode-se encontrar correlação com as várias restrições sociais que as mulheres ainda sofrem.

Pode-se dizer que a obra de Maria Valéria Rezende, tida aqui como objeto de estudo, através do relato contado pela personagem Isabel, apresenta uma análise de um contexto em que as mulheres foram colocadas, de forma que passam a ser obrigadas pela pressão social e familiar a assumir uma imagem quase que intocável, para que só então possa ser a mulher

exemplar que todos exigem que ela seja, fazendo assim, uma grande representação social da resistência feminina e suas lutas por igualdade e respeito.

O fato de uma mulher, nos dias atuais, ainda ser julgada socialmente com base no seu comportamento, nas suas roupas, ao decidir dedicar-se a vida profissional e não optar por casar e ter filhos, ser independente e decidir o destino de sua própria vida ao invés de dedicar-se ao seu marido, causar-lhe reprovação por aqueles que se dizem não ser preconceituosos diz muito sobre a regressão do corpo social que se camufla de evolução.

É preciso compreender que independentemente de gênero ou sexo, de ser homem ou mulher, ambos possuem, ou pelo menos deveriam possuir, o direito de desfrutar igualmente da autonomia de ser e desenvolver quaisquer atividades que desejarem. É preciso mudar a narrativa e romper os padrões patriarcais que, a depender das circunstâncias e contextos sociais, se manifestam e materializam de maneira ora velada ora explícita, no momento histórico vivido.

Neste contexto, a Literatura se configura como um instrumento importante e potente de reflexão crítica acerca do rompimento dos padrões sociais constituídos por preconceitos e desigualdades. Pode-se enxergar através da Literatura um meio a partir do qual é possível dar voz e foco à narrativa da vida real, instigando seus leitores a criticidade de refletir sobre tantas mulheres que viveram e ainda vivem situações que podam a sua liberdade, que ferem sua dignidade como pessoa e como ser social. A Literatura, então, pode ser entendida como um veículo de transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, C. S. O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista *Cruzeiro*. **Gestão e Desenvolvimento**: Revista do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Novo Hamburgo, v. 3, n. 1, p. 83-92, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/834/1046> . Acesso em: 19 nov. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra**: a personagem feminina. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

- DUARTE, Constância. O feminino fragmentado. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.13, n.2, p.31-37, jul./dez. 2009.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de Letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2010.
- Hooks, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MATIA, Wédja Roberta Moura. Feminismo e Empoderamento da Mulher na Sociedade Brasileira. **Caderno de Clio**, Paraná, v.8, n.1, p.11-29. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/53648/36807>. Acesso em 19 nov. 2022.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- _____. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINHEIRO, Helder. **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- REZENDE, Maria Valéria. **Carta à Rainha Louca**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- SANT'ANA, Renata Cristina. **O sertão e a cidade no universo feminino de Maria Valéria Rezende / Renata Cristina Sant'Ana**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdades de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2020.

AGRADECIMENTOS

Quero antes de tudo agradecer a Deus por permitir que esta etapa fosse realizada na minha vida, tantos momentos difíceis surgiram pelo caminho, quantas vezes imaginei não conseguir concluir este curso, mas Ele me fez forte e me preparou para enfrentar todos os contratemplos que apareceram.

Sou grata a minha mãe, que tirou forças de si para me fazer acreditar ser capaz de vivenciar este ciclo. Obrigada pelos conselhos, pelas conversas sérias, pelo companheirismo, pelos momentos de felicidade e por tantas vezes ter chorado junto comigo. És a minha primeira e melhor amiga. Ao meu pai, por todas as vezes que olhou para mim e disse que tinha certeza de que eu me sairia muito bem em tudo o que eu me dedicasse a fazer, por ser meu protetor e pelo seu cuidado, por ser sempre o pai orgulhoso a me assistir evoluir. Obrigada, papai. A filha do casal de agricultores vai ter um diploma, essa conquista é para vocês.

Ao meu irmão, que é também meu amigo e confidente, obrigada por cada momento de descontração e por me arrancar gargalhadas nos momentos que eu mais precisava, você é demais, eu te amo.

Aos meus amigos de escola e companheiros de curso, obrigada por estarem comigo e por cada palavra de incentivo, vocês serão sempre importantes na minha vida.

Ao meu namorado, Welton, por cada palavra de encorajamento e por estar sempre ao meu lado me impulsionando a ser cada vez melhor e alcançar novos horizontes. Você é um presente em minha vida.

A minha orientadora, Profa. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias, por toda paciência, por compreender a minha rotina nessa jornada, pelo otimismo e confiança. Serei sempre grata.

Aos professores Me. Adeilson da Silva Tavares e Dr. Marcelo Medeiros da Silva, por terem prontamente aceitado ao convite em fazer parte da minha banca examinadora e contribuir de maneira tão construtiva ao meu trabalho de conclusão de curso. A vocês, muito obrigada.